

---

## Festa na cidade: o circuito bregueiro de Belém do Pará

Alexandre Barbosa Pereira

---



**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1595>

DOI: 10.4000/pontourbe.1595

ISSN: 1981-3341

**Editora**

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

**Refêrencia eletrónica**

Alexandre Barbosa Pereira, « Festa na cidade: o circuito bregueiro de Belém do Pará », *Ponto Urbe* [Online], 6 | 2010, posto online no dia 31 outubro 2010, consultado o 02 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/1595> ; DOI : 10.4000/pontourbe.1595

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 2 Maio 2019.

© NAU

---

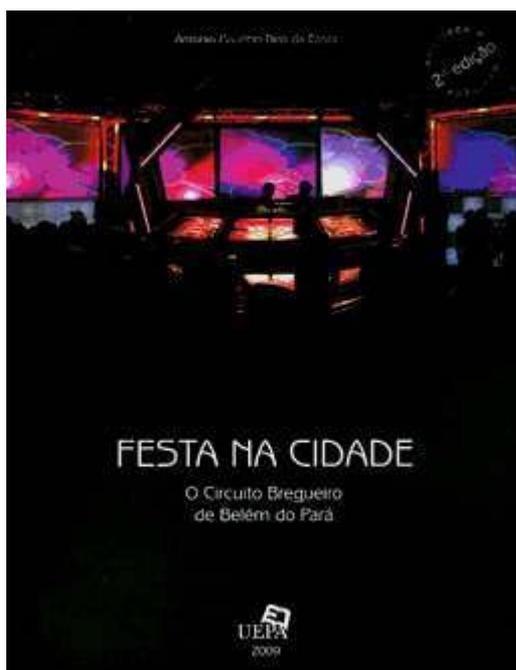
# Festa na cidade: o circuito bregueiro de Belém do Pará

Alexandre Barbosa Pereira

---

## REFERÊNCIA

Antonio Maurício Dias da Costa. Belém: EDUEPA, 2009. 234 pp.



- 1 Em *Festa na cidade*, Antonio Maurício da Costa apresenta-nos os diferentes agentes que compõem o circuito do brega em Belém do Pará. Logo de início o autor alerta para o fato de que o brega no Pará tem outra designação, diferente da que é mais comum no restante do país, especialmente no sudeste. O Brega paraense não necessariamente se refere a

músicas populares que abordariam temas românticos ou que remeteria ao que seria considerado mau gosto. No caso do brega paraense, ainda que contenha de modo acentuado este componente popular, o termo adquire outro significado, pois se trata de uma reinvenção local (ou seria uma invenção?) de um gênero musical e festivo.

- 2 Costa tenta remontar, a partir do depoimento dos atores sociais, a gênese deste estilo musical. A partir dos relatos, ele demonstra como o brega paraense tem sua formação relacionada como uma série de outros gêneros musicais da Jovem Guarda ao Bolero, passando por ritmos caribenhos como a Cúmbia, o Merengue, o Zouk e o Calipso. Musicalmente, portanto, não é possível defini-lo, pois, além das múltiplas influências, o brega paraense também tem inúmeras variações mais dançantes como o tecnobrega ou mais românticas como o brega melody, além de outros estilos e denominações como o brega pop, o brega calypso e o flash brega, este último aludindo às músicas bregas antigas, tocadas em bailes da saudade. Porém, como destaca o autor, mais do que um estilo musical o brega belenense conforma-se, e só faz sentido, a partir da conjunção de uma série de outras dinâmicas, como a festa, a dança, as aparelhagens de som, o público etc..
- 3 Em seu trabalho de pesquisa, Costa demonstra como o modelo festivo já disposto na cidade contribuiu para a invenção de um brega regional, paraense. As casas de festas, as gafieiras ou os cabarés já existiam em Belém desde os anos 1960 e 1970, tocando merengues e boleros. O brega veio, portanto, de certa forma, ocupar este espaço, trazendo inovações. O autor leva-nos a percorrer as diferentes festas que compõem este circuito bregueiro. Apesar de concentradas nos bairros periféricos de Belém, as festas de brega alcançaram grande repercussão, sendo apontadas por muitos dos entrevistados como uma marca cultural da cidade. Curiosamente a principal novidade que este gênero musical e festivo apresenta não seria nem a música, nem a dança, mas o destaque alcançado pelas aparelhagens que tocam a música brega nas festas. Elas têm nomes próprios, como Tupinambá, Rubi ou PopSom e as maiores e mais famosas possuem até fãs-clubes, cujos integrantes frequentam as festas uniformizados com indumentárias estampadas com o nome da aparelhagem preferida. As aparelhagens circulam por Belém a tocar os últimos sucessos do brega em alto volume nos diferentes espaços festivos e seus fãs costumam acompanhá-las nos trajetos que fazem pelo circuito bregueiro. As festas de aparelhagem mobilizam uma parcela considerável dos jovens belenenses.
- 4 Além da descrição etnográfica detalhada, o grande mérito da pesquisa de Costa é justamente demonstrar as particularidades das múltiplas relações que todos os agentes envolvidos com o brega articulam na cidade de Belém. O fenômeno cultural estudado pelo autor não mobiliza apenas as festas de aparelhagem e seu público, mas também os produtores fonográficos e as gravadoras, as rádios, os artistas e as festas tradicionais da cidade, como o Carnaval, a Festa de Nazaré e as Festas Juninas. O autor demonstra como esta rede de relações estabelecidas em torno do brega nem sempre é de conjunção e harmonia, havendo momentos de conflitos. As festas de aparelhagem, por exemplo, são muitas vezes rotuladas como espaços de violência devido à ocorrência de brigas. Por outro lado, o coletivo de agentes em torno do brega de Belém tem produzido novas possibilidades de interação entre a chamada indústria cultural com o público e os produtores culturais locais. Com o sucesso das aparelhagens, muitas vezes, os artistas do brega também precisam circular pelas festas para divulgar seus trabalhos, ainda que não seja para se apresentar. Em outras palavras, as aparelhagens tornam-se elas próprias as principais protagonistas, a atrair o público, dos espetáculos de brega.

- 5 O livro *Festa na cidade* é uma adaptação da tese de doutorado de Antonio Maurício da Costa defendida em 2004 na Universidade de São Paulo. A primeira edição do livro ocorreu em 2007. Esta segunda edição, revisada e ampliada, certamente será de grande valia aos que se interessam por práticas culturais e de lazer no contexto urbano, por diferentes dinâmicas locais de transformação da indústria cultural e pelas inovações na produção, difusão e apropriação da cultura de massa.
- 

## AUTOR

**ALEXANDRE BARBOSA PEREIRA**

Doutorando em Antropologia Social (USP)